

STHEFANE LIEGE MOREIRA LUPION

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL E DO LETRAMENTO NO
PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO**

Maringá
2011

STHEFANE LIEGE MOREIRA LUPION

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL E DO LETRAMENTO NO
PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO**

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá – UEM, como parte das exigências para a conclusão do Curso de Pedagogia, sob a orientação da Prof^a Dr^a Solange Franci Raimundo Yaegashi.

Maringá
2011

STHEFANE LIEGE MOREIRA LUPION

LITERATURA INFANTIL E LETRAMENTO: ALGUMAS REFLEXÕES

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para obtenção do Título de Pedagoga, sob a orientação da Professora Doutora Solange Franci Raimundo Yaegashi.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Solange Franci Raimundo Yaegashi
(Universidade Estadual de Maringá)

Prof^ª Dr^ª Leonor Dias Paini
(Universidade Estadual de Maringá)

Prof^ª Ms Celma Regina Borghi Rodriguero
(Universidade Estadual de Maringá)

DEDICATÓRIA

Ao amado esposo Rodrigo e aos meus pais Ariovaldo e Elizabete.

AGRADECIMENTOS

Como todas as outras coisas de minha vida, agradeço primordialmente a Deus por ter me dado inteligência que me capacitou a conquistar uma vaga na Universidade, bem como forças e sabedoria para continuar perseverante apesar de todas as dificuldades vinculadas à vida e ao cansaço diário.

Além de agradecer ao Pai do céu, agradeço ainda ao meu pai da Terra, que me deu muito apoio e força nos momentos de desespero, nos quais pensei em desistir, aos abraços de consolo, aos beijos de carinhos, às palavras de amor, e às piadas que me faziam rir, valendo lembrar de todas as caronas quando perdi o ônibus ou o infeliz quebrava (fator não raro, estamos falando do ônibus de Sarandi), além dos dias em que me buscou na UEM quando tinha aula vaga, dor ou frescura. Obrigada pai, por sempre me ajudar com materiais necessários para o curso e pelo seu senso de humor maravilhoso que, graças ao bom Deus, herdei de você, tornando a minha vida sempre muito feliz.

Também agradeço à minha mãe que muito me apoiou, me oferecendo sua comida deliciosa em muitos sábados, domingos e feriados, me visitando sempre que podia e me dando abrigo quando precisei. Não me esqueci mãe de todas as vezes que me apoiou em minhas atitudes insensatas e me fez pensar e agir de uma maneira correta, tentando me animar quando me sentia triste.

Apesar de estar com ele há apenas um ano e meio, tenho muito o que agradecer a meu amado esposo, pois desde que estamos juntos sempre me apoiou, pensou no melhor para mim, se preocupou comigo e nunca fez do meu curso e de minha falta de tempo um empecilho para nossa felicidade, ao contrário sempre teve muito orgulho de mim, fazendo por mim o que não pude fazer, nunca me cobrando por coisas que eu mesma me cobrava, mudando os planos dele para atender aos meus. Se não fosse ele, minha vida na reta final deste curso teria sido mais árdua e mais difícil. Então meu amor, meus sinceros agradecimentos por me dar tanta força, apoio e ser meu alicerce quando já não podia mais ser por mim.

Aos professores que tanto conhecimento nos ofereceram e sofreram conosco. E é claro à minha orientadora que com muita competência me orientou e fez este trabalho de conclusão de curso possível, meus sinceros agradecimentos a você Solange.

Como não agradecer às minhas amigas que tanto amo e tanto sofremos juntas, estudando, chorando, lamentando, reclamando, reclamando, reclamando (não foi erro de digitação é que a gente reclama muito), e acima de tudo se divertindo, rindo e uma fazendo parte da vida da outra. Confesso que já sinto saudade de cada uma de vocês. Nunca se esqueçam que amo cada uma de vocês: Tânia, Graciele, Michele, Nathiele, Grazielle e as outras que perseveraram até o fim e que guardo o melhor de cada uma em mim, Eloisa, Carla Cainã, Carla, Paulinha, Michele, Eliane, Eliana, Camila, Karol, Carol, Liliane, Márcia, Leiza, Mayara, Soane, Solange, Helena, Ivone, Mariany, Viviane, Nayara e Giane. Não esqueci de você Fabrícia, minha amiga, que trancou o curso por causa de uma menina linda e deixou saudades de suas piadas e risadas, você sempre fará parte da turma 31, de Pedagogia noturno, turma de 2011.

Desculpe-me se esqueci de alguém e se minha memória falhou, mas todos que estiveram perto de mim foram parte fundamental para minha vida e, portanto, mesmo que com um sorriso me fizeram persistir e terminar essa graduação, todos vocês têm um pedacinho desse diploma. Obrigada por acreditarem em mim!

“Há maior significado profundo nos contos de fadas que me contaram na infância do que na verdade que a vida ensina”

Schiller Piccolontini

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL E DO LETRAMENTO NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO

Sthefane Liege Moreira Lupion¹

Solange Franci Raimundo Yaegashi²

Resumo: Este trabalho teve como objetivo investigar as contribuições da literatura infantil no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança em processo de alfabetização e letramento, uma vez que os resultados de pesquisas revelam que relacionar a aprendizagem da leitura e da escrita à literatura infantil contribui para o aprendizado, além de proporcionar o prazer pelo ato de ler. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de natureza teórica abordando autores que enfocam as contribuições da literatura infantil para a alfabetização e o letramento de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental. O interesse de pesquisa nesta área se deu pelo fato da leitura de histórias infantis, na faixa etária de crianças em fase de alfabetização, ser corriqueira nas diferentes culturas, nas famílias e principalmente nas escolas, porém, pouco explorada pelos professores. Além disso, este assunto é pouco estudado no curso de Pedagogia, deixando lacunas na formação do pedagogo. Verificou-se que a criança que ouve histórias desde a mais tenra idade e que tem contato direto com livros de qualquer gênero, é influenciada favoravelmente em seu vocabulário, bem como desenvolve seu interesse pela leitura. Chegou-se à conclusão que as crianças em fase de alfabetização e letramento expressam maior interesse quando a leitura é focada em assuntos que lhe chamam a atenção, já que os contos têm a facilidade de fluir no imaginário e atizar a curiosidade dos alunos.

Palavras-chave: Literatura; Alfabetização; Letramento.

REFLECTIONS ON CHILDREN'S LITERATURE, SCHOOLING AND LITERACY

Abstract: The contributions of children's literature on their cognitive, affective and social development in the schooling and literacy process are provided. This is due to the fact that research reveals that the relationship between learning to read and write and children's literature contributes towards learning and produces the satisfaction of reading. A theoretical research was undertaken foregrounded on authors that focus the contributions of children's literature on schooling and literacy on children during the first years of fundamental education. Current research was triggered when it was perceived that the reading of children's stories during the children's first literacy years was common in several cultures, in the family and, more significantly, in schools. However, it is scantily exploited by teachers and the theme is not deepened in Pedagogy Courses, with consequent gaps in the pedagogue's formation. It is a fact that children who listen to stories from their early years and have direct

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

² Psicóloga e Prof^a Dr^a do Departamento de Teoria e Prática da Educação da UEM e Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

contact with any type of books are positively affected in vocabulary and develop great interest in reading. Results show that children within fundamental schooling and literacy show great interest when reading is focused on themes of their own interests since stories influence children's imaginary and trigger their curiosity.

Keywords: Literature; schooling; literacy.

Introdução

Quem nunca se encantou com as palavras “Era uma vez...”, ou se prendeu em histórias de príncipes e princesas, fadas e duendes, Cuca e Saci-Pererê de Monteiro Lobato, no ‘Sítio do pica-pau amarelo’? E quem da mesma forma nunca fez uma criança se encantar pelas antigas e clássicas histórias que mexem com o imaginário infantil? Portanto seria certo afirmar que inserindo as histórias que as crianças adoram de forma significativa no ensino, tornaria a alfabetização mais atraente nesta etapa tão complexa de escolarização.

Falar de literatura infantil, especialmente dos contos de fadas, na atualidade é uma atividade na qual se corre o risco de cair na redundância devido aos diversos artigos literários que expõem e analisam a esta questão, por outro lado, seria pretensioso escrever algo totalmente novo, ou até expor novas questões. Contudo, nossa pretensão é de cunho pessoal, já que, no curso de Pedagogia a literatura infantil e o importante papel que esta pode operar nas crianças durante os anos iniciais do ensino fundamental são assuntos pouco discutidos deixando uma lacuna que precisa ser sanada.

Os contos de fada, há tempos, têm se mostrado como literatura atraente para o público infantil e também ao público adulto, que como ouvintes de contos de fadas em sua infância, muitas das vezes se tornam contadores destes mesmos contos na sua maturidade. Por esse motivo, a literatura infantil tem sido utilizada nas mais diversas culturas em diferidas situações, na esfera familiar e com maior ênfase na esfera escolar.

A literatura infantil é de extrema importância para aquisição de certos conhecimentos, além de proporcionar a inserção no mundo letrado. Desta forma, o presente estudo teve como objetivo investigar as contribuições da literatura infantil no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança em processo alfabetização e letramento.

Assim, a problemática que nos propomos a estudar pode ser colocada nas seguintes palavras: Por que o professor deve utilizar a literatura infantil para promover o processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental?

Para responder essa questão realizamos uma pesquisa bibliográfica. O texto foi subdividido duas partes. Na primeira procuramos focar as funções da literatura infantil. Na segunda, por sua vez, discutimos as inter-relações entre literatura infantil, alfabetização e letramento.

1. As funções da literatura infantil

1.1 Um breve histórico sobre a origem dos contos de fada

Para abordar a questão da origem dos contos de fadas, relataremos, inicialmente, a história da fábula, criada com intuito de transmitir a moral com histórias de ficção que teve suas raízes firmadas na tradição oral voltada ao público adulto com transmissão de moral cívica, sendo popularizada devido às publicações que circulavam pelo país. Mas foi de fato no regime feudal burguês, no qual o homem trabalhava para sustentar a casa e a mulher zelar por ela e pelos filhos que a criança passou a ser reconhecida como tal. Neste momento, a literatura infantil surgiu como uma nova modalidade da fábula direcionada a crianças, porém, o que de fato ocorria era uma adaptação dos contos dos adultos às crianças e nada era feito especialmente para elas. Pode-se dizer que os contos de fada, foram inspirados nas fábulas que surgiram na Grécia iniciada por Esopo, passando Fedro em Roma, ganhando o ocidente então com La Fontaine, na França. Mas o surgimento da literatura infantil de fato ocorreu no século XVIII, podendo ser considerada uma nova modalidade da fábula (SOUZA, 2005).

A princípio essa recriação das fábulas e lendas por seu caráter pragmático, segundo Souza (2005), foi muito criticada por parte dos adultos. Todavia, pouco tempo depois, com a industrialização, surgem as creches assistencialistas para cuidar dos filhos das mulheres empregadas. Neste contexto, logo a escola precisou dessa literatura infantil que, por sua vez, precisava de público, foi então o momento propício para a aparição do trabalho de alguns escritores, entre eles Charles Perrault, Hans Cristian, Andersen e os Irmãos Grimm, os quais contribuíram para a consagração de contos que enriqueceram a nossa literatura infantil, como: Gato de Botas, O Patinho Feio, A Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, etc.

Coelho (1987) ressalta que os contos de fadas de origem celta que apareceram inicialmente como poemas, se diferenciam das fábulas na medida que são compostos pela existência de um eixo gerador uma problemática existencial, na qual o herói deve vencer provas para que alcance sua auto-realização, sendo imprescindível a presença do maravilhoso, com ou sem as fadas. Estes contos enfatizam uma problemática social, relacionada à vida prática, tendo origem oriental e realçam a parte material, sensorial e ética do ser humano. Os contos de fadas tinham essa configuração pelo fato das creches em seus primórdios, se preocuparem fundamentalmente com a formação do caráter. As histórias eram fundadas, portanto, em regras de comportamento e atitudes adequadas. Contudo, já havia uma preocupação com o aprendizado por meio do lúdico.

Com o passar dos anos, em meados do século XIX, muitos autores como Froebel passaram a se preocupar com a educação e pensar em uma reforma educacional acentuando a importância da criança e seus interesses. Assim, a literatura passou a ter caráter recreativo, procurando tão somente despertar o interesse da criança, e é neste momento que surge de fato o encantamento maravilhoso, o “felizes para sempre”, finalmente a literatura infantil (COELHO, 1987).

A partir de então lindas obras literárias foram surgindo, muitas delas com fundamentos para a alfabetização, e muitas outras com intuito de encantar. No Brasil, a literatura surgiu um pouco mais tarde, entre 1880 e 1920, porém não menos rica. Segundo Coelho (1987), entre os autores que se destacam nesse gênero podemos citar Cecília Meireles e Monteiro Lobato.

1.2 O encanto

A obra literária não tem o compromisso de explicar o real, nem de comprovar acontecimentos. Para interpretá-los, reconstruí-los, o autor recorre à imaginação, à criatividade e à ficção. Isso implica um afastamento do real. (ZAMBONI; FONSECA, 2010, p.340)

Para Zamboni e Fonseca (2010), no século XVIII, os contos de fada mudaram seu foco de interesse sendo transferidos do mundo dos adultos para se recolherem ao mundo infantil. Mais tarde, no século XIX, os contos fabulosos centralizaram seu interesse na escrita e na leitura lingüística. Foi nesse momento histórico que os lendários irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, estudiosos da mitologia germânica passaram a estudar estes textos literários escritos, em

decorrência destes estudos escreveram os contos de fada para crianças e adultos entre o período de 1812 e 1822. Dentre os textos escritos os mais conhecidos no Brasil que tiveram sua tradução são: Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida, Os Sete Anões e A Branca de Neve, Músicos de Bremen, A Gata Borralheira (mais conhecido como Cinderela), A Dama e o Leão e As Aventuras do Irmão Folgazão. Neste contexto também se evidenciaram, Alice no país das maravilhas por Lewis Carroll (1865) e Pinóquio por Collodi (1883).

Estes contos não são atualmente publicados em sua forma original, já que estes teriam final um tanto trágico, considerado por estudiosos no assunto ‘cruel’ para a cabeça dos pequeninos, por este motivo tais contos tiveram com o passar dos anos adaptações que os deixaram com um final mais “feliz para sempre”, que é o caso dos autores citados acima, que foram grandes mestres destas adaptações. Podemos dizer que tais adaptações mudaram o verdadeiro sentido da história, considerando que seus verdadeiros finais colocavam a personagem principal em situações ruins, e na maioria das vezes sem resolução, como é o caso do clássico Chapeuzinho Vermelho. Para exemplificar isso, existe o seguinte trecho escrito por Charles Perrault, com a versão mais antiga da conhecida história de Chapeuzinho Vermelho:

[...] Como a senhora é peluda vovó – exclamou Chapeuzinho. É para te esquentar, minha neta - respondeu o lobo. Que unhas grandes a senhora tem! São para me coçar, minha querida. Que dentes grandes a senhora tem! São para te comer. E então a devorou. Fim. (PERRAULT, 2011, p.1)

No entanto, foram estas modificações que tornaram os contos de fada tão encantadores e deliciosos para serem contados às crianças, mexendo com seu imaginário que astuciosamente procura soluções para problemas reais dentro destas fantasias, e procuram fantasias dentro desta vida real, tornando estes conflitos cognitivos menos complexos em sua solução.

Nesta perspectiva, Bettelheim (1980) analisou os contos de fada quanto à sua importância para o desenvolvimento psicológico das crianças e descreveu a importância que estes tiveram em sua infância analisando-os à luz da teoria psicanalítica freudiana. Assim, segundo o autor:

Esses contos, quando éramos crianças, nos introduziram num universo encantado cuja admirável magia nos permitiu dar impulso à nossa imaginação cada vez que as dificuldades da vida real ameaçavam nos abater, o que era freqüentemente o caso [...] as esperanças, mantidas pelos contos de fadas, nos permitiam superar corajosamente as adversidades, fossem elas reais ou imaginárias [...] se tivéssemos ficado por conta própria, nossos sonhos seriam limitados por imagens de cólera e vingança, por satisfações que teriam sido

limitadas ao campo muito restrito de nossa experiência. Os contos de fadas graças à sua imensa variedade de acontecimentos e situações, graças às suas ricas - e muitas vezes ricas demais - descrições de prazeres, nos permitiram tecer à sua imagem fantasias otimistas que nos arrancavam de um mundo no qual nós estaríamos bem mais descontentes de habitar. (BETTELHEIM, 1980, p.7-9)

Não haveria como dizer palavras mais lindas do que as pronunciadas por Bettelheim (1980) para descrever o encanto que os contos infantis causam no ouvinte, e ainda que ele remete o ouvinte a uma superação das adversidades da vida real respaldada nestes contos, nas superações heróicas que permitiam a superação otimista e não apenas vingativas das coisas do mundo. Assim, os contos de fada nos permitem, por um instante, vivenciá-los superando as atrocidades deste mundo real, cheio de vilões e lobos-maus. Nas palavras de Bettelheim (1980, p.1):

É verdade que, a um nível inicial, os contos de fadas ensinam pouco sobre as condições específicas da vida da sociedade moderna de massas; estes contos foram criados muito antes desta sociedade aparecer. Mas podemos aprender mais coisas com estes contos – sobre os problemas interiores dos seres humanos e as soluções acertadas para as suas exigências, do que em qualquer outro tipo de história que esteja dentro do âmbito da compreensão das crianças.

Neste sentido, aprender a viver, aprender a ser humano, entender as exigências dadas por uma sociedade, é mais fácil e mais dócil de ser aceita se essa é transmitida por um conto onde existe fadas e magia, mas ainda assim, sempre existe uma sociedade que ilustra a nossa e que também exige regras a serem cumpridas.

Assim, segundo Bettelheim (1980), a literatura infantil possibilita à criança compreender a si própria no complexo mundo que vai enfrentar, tornando essas exigências menos árduas e mais fáceis de serem aceitas, sendo impostas como sutilezas abstratas, para serem internalizadas como naturais.

Bettelheim (1980) ressalta que as histórias infantis contribuem para o enriquecimento da vida interior da criança. Além disso, num sentido mais profundo do que qualquer outra leitura, “atingem” a criança no seu núcleo psicológico e emocional. Ele explica que estas histórias ponderam os ríspidos conflitos interiores de uma maneira na qual a criança, de forma inconsciente, compreende os mesmos sem menosprezar as batalhas internas, uma vez que as

histórias proporcionam exemplos de soluções, tanto temporárias como permanentes, para as dificuldades mais díspares.

Do ponto de vista psicológico, alguns autores destacam a fascinação que as histórias desempenham sobre a criança, de qualquer faixa etária, raça ou classe social, em crianças normais ou com alguma deficiência seja ela física ou psíquica, independente de qual for a criança, a mesma terá interesse por histórias. Defensores do construtivismo, por exemplo, acreditam que a literatura infantil permite que o indivíduo tenha uma referência inicial para suas construções lingüística e psicológica. Como afirma Souza (2005, p.4),

[...] devemos lembrar que para esta abordagem a mediação privilegiada entre sujeito e objeto e responsável direta pelas organizações é a ação (física ou mental). A atividade exercida sobre o mundo é, pois, a matéria-prima que possibilita as construções das estruturas da inteligência e dos conhecimentos.

Desta forma, para o construtivismo, a literatura infantil é vista como fator positivo ao desenvolvimento psicológico da criança pelo fato de encantar e organizar a ação mental. Para Piaget (1953, p. 1), a linguagem escrita ou oral faz uma mediação privilegiada, por intermédio de histórias contadas ou narradas, pois estas intervenções *“permitem ao indivíduo ter referências iniciais às suas construções lingüísticas e psicológicas individuais. E ainda faz a mediação central entre indivíduo e mundo transformando-o e sendo transformada por ele.”*

Os contos de fadas são mensageiros formidáveis para o psiquismo consciente, pré-consciente ou inconsciente. Isso porque eles lidam com problemas humanos comuns, e principalmente com aqueles que envolvem a preocupação dos pequeninos, pois as histórias envolvem seu ego, dando a coragem necessária para se desenvolverem e, ao mesmo tempo, acalentam suas tensões pré-conscientes ou inconscientes.

Souza (2005), ao discorrer sobre os contos de fada, indaga se eles fomentam material psicológico, já que em sua presumível origem na sociedade antiga, até mais ou menos o século XVII, eram destinados aos adultos das classes mais baixas da população como lenhadores e camponeses, e secundariamente às crianças. Segundo Von Franz (1985, *apud* SOUZA, 2005), os contos estariam relegados atualmente às crianças por se referirem a “material arquetípico” e este é encarado em nossa civilização como algo infantil. Desta forma, a interpretação do conto sempre lhe será inferior, podendo ser comparado à interpretação de

sonhos e mitos, no entanto respondendo sua própria indagação Souza (2005) se refere aos contos como uma prática necessária porque traz objetividade, abrindo a representação de referências ao sujeito. Logo, as ansiedades voltadas a eventuais problemas e angústias do cotidiano, serão respaldadas pelo enriquecimento dos recursos internos que as histórias infantis abrangeram em seu benefício. Nesta perspectiva, Betelheim (1980, p.11) explica que os contos de fada transmitem à criança uma mensagem que possibilita à mesma compreender que a

[...] luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana [...] mas que, se a pessoa não se intimida mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos, e ao fim emergirá vitoriosa.

Portanto, a literatura deve ser vista como narrativa da arte: arte de contar, de pensar, de troca entre sujeitos, de compartilhar experiências, situações que conheceram e/ou viveram. Por este motivo, as narrativas infantis devem ser mantidas junto ao viés social, cultural, político, por sua intenção clara de demonstrar, a partir de critérios menos complexos, que o conhecimento histórico é arquitetado por pessoas imersas no seu tempo, capazes de modular problemas, hipóteses e, desta forma, contribuir para a constituição de relações entre outros sujeitos, outros acontecimentos e outras temporalidades, tendo como alvo a inter-relação que será alcançada na mente infantil (SOUZA, 2005).

2. Literatura infantil, alfabetização e letramento

Para dar início à discussão sobre literatura infantil e letramento, primeiramente se faz necessário definir o letramento diferenciando-o da alfabetização. Para tanto, nos pautaremos em Soares (1998), a qual argumenta que o termo letramento foi inventado em meados de 1980 no Brasil, com intuito de nomear um fenômeno distinto da alfabetização, na medida em que o termo alfabetização já não se era mais suficiente para suprir o significante de codificar, decodificar e saber fazer o uso deste código. Desta forma, o termo alfabetizar significa codificação e decodificação do código escrito, enquanto o termo letramento foi inventado para designar o sujeito que é capaz de fazer o uso do código escrito (ler e interpretar) e, ao mesmo tempo, consegue lidar com as demandas sociais, o que possibilita sua inserção social.

A palavra letramento ainda não está dicionarizada, por ser uma palavra recentemente introduzida na língua portuguesa, sendo usada pela primeira vez por Mary Kato em “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”, em 1986. Depois de sua primeira aparição ela só aparece dois anos depois no livro “Adultos não alfabetizados – o avesso do avesso” de Leda Verdiani Tfouni, na qual a palavra foi de fato definida e então lançada no meio educacional. Neste sentido, Soares (1998) nos leva a outra questão: por que palavras novas são inventadas, e antes delas conseguíamos viver sem elas? A resposta é simples, porque não precisávamos dela. Na língua sempre aparecem palavras novas, quando um objeto novo surge ou é inventado, só aí que então é necessário dar um nome para aquilo, já que o ser humano não sabe viver sem nomear essas coisas.

Já o conceito ‘alfabetizado’ bem mais antigo vigorou até o Censo de 1940, sendo que era considerado como alfabetizado aquele que declarasse saber ler e escrever o próprio nome. Porém, este conceito mudou anos depois, uma vez que para ser considerado alfabetizado o indivíduo deveria ser capaz de ler e escrever um bilhete simples. Então letramento veio para dar fundamento a esta idéia de forma que, um indivíduo letrado se refere àquele que sabe fazer o uso deste código inserindo-se na sociedade, ou seja, além da leitura e escrita, este indivíduo deve saber interpretar escritos e fazer uma crítica mental sobre este, tendo opinião sobre aquilo que leu.

Dito isto é possível definir então, segundo Soares (1998), alfabetização e letramento. Para a autora, alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever e alfabetização é a ação de alfabetizar. O mesmo fez com a palavra letramento. Assim, letrado é quem tem a habilidade de escrever e letramento é o resultado de letrar-se, ou seja tornar-se letrado. A partir de tal definição a autora indica que existe diferença entre, saber ler e escrever (ser alfabetizado), e viver na condição de quem sabe ler e escrever (ser letrado). Para explicar esse pensamento Soares (1998, p.7) argumenta que:

A pessoa que aprende a ler e escrever – que se torna alfabetizada – e que passa a fazer o uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais da leitura e da escrita – que se torna letrada – é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever – é analfabeta – ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita – é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita.

Assim, a pessoa letrada encontra-se cognitivamente diferente, já que esta tem um modo mais crítico de ver a sociedade e se inserir na cultura, mudando sua relação com ela e com os outros, e com estes bens culturais torna-se diferente.

A partir deste momento torna-se possível então voltar-se à diferença que existe entre letramento e alfabetização, separando-as então como ações distintas, porém nunca separadas, pois segundo Soares (1998), o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar ler e escrever e ensinar a prática social de leitura, para este indivíduo fazer uso desta.

Assim, podemos usar como exemplo um teste aplicado por um juiz aos candidatos a vereadores de uma cidade para averiguar se estes eram alfabetizados, o teste consistia em ler um artigo de um jornal infantil e escrever sua opinião sobre este. Após o teste, 30 políticos, inclusive alguns que já atuavam, foram considerados analfabetos e reprovados, já que não foram capazes de interpretar o que o texto dizia. De acordo com o juiz, para ser político era necessário interpretar leis. Contudo, o TRE (Tribunal Regional Eleitoral), semanas depois, aprovou os candidatos reprovados, alegando que eles não eram analfabetos, já que, eles sabiam ler e escrever e não saber interpretar um texto não os tornavam analfabetos. É neste sentido que Soares (1998) se refere à palavra letrado, pois de fato era este requisito que o juiz pretendia dos candidatos avaliados tivessem, o que revela que o conceito de letrado ainda é pouco conhecido pela sociedade.

Ao comparar a situação do Brasil com a de outros países de 1º mundo, Soares (1998) destaca um aspecto importante. De acordo com a autora, os países de 1º mundo se preocupam com os índices de iletrados, percebidos nas dificuldades que estes encontram para escrever um ofício, preencher um formulário, registrar a candidatura a um emprego. Nestes países, os índices de analfabetismo é perto de zero. No Brasil, por sua vez, se calcularmos os índices usando este critério, teremos um contingente assustador de iletrados.

No entanto, a alfabetização e o letramento apesar de serem tratados como diferentes devem ser trabalhados lado a lado, de maneira indissociável, já que um complementa o outro, pois no letramento se faz o uso da alfabetização, e a alfabetização por si só, não faz um homem letrado sendo este talvez, um dos maiores motivos da confusão existente entre alfabetização e letramento, que para muitos se fundem, mas de fato são fenômenos distintos cada qual com sua especificidade.

É neste sentido que a literatura infantil se enquadra no quesito letramento, pois ela faz emergir a cultura letrada na criança, na medida que esta é ensinada a ter compreensão dos textos. Nesta perspectiva, Simões (2000) afirma que ao ouvir e ter contato com histórias, a criança vai apreendendo conhecimentos necessários à cultura letrada, pois ao entender estas histórias vai além das marcas gráficas, ela se envolve no gênero, na estrutura textual, nas funções e nos recursos lingüísticos, e pela satisfação do ouvinte ela aprende as experiências que estão inseridas na história, ela associa as expectativas esperadas de um lobo, de um leão, de uma bruxa ou de um príncipe, ela aprende subliminarmente informações necessárias ao código da linguagem e da escrita.

Para Simões (2000, p.3), *“especificamente em se tratando da aquisição da leitura e da escrita, essas histórias podem oferecer muito mais do que o universo ficcional que desvelam e a importância cultural que carregam como transmissoras de valores sociais”*.

Assim, é mister dizer que na etapa de alfabetização e letramento a literatura infantil proporciona à criança um mundo de ficção que a desprende da realidade e desenvolve seu sentido criativo. Contudo, ao mesmo tempo, estas histórias, quando trabalhadas pelo professor, contribuem para que as crianças internalizem valores sociais que as insere em sua realidade, pois relacionam situações da história com suas próprias vivências.

Se verificarmos quais os critérios para a adoção de livros utilizados na escola, perceberemos que estes sempre são livros que incentivam o conteúdo escolar ou a imaginação do aluno ou então que complementam o conteúdo escolar. Neste sentido, sempre haverá o letramento envolvido nesta prática, pois além de proporcionar à criança o prazer pela leitura e ajudá-la a internalizar o conteúdo que os livros contêm, propiciam ainda, aos ouvintes ou leitores, um conhecimento novo não exposto cientificamente, mas contado com riqueza de palavras que encanta a crianças e adultos. Neste sentido, Larrosa (1999, p. 350) afirma que *“ler é como viajar, como seguir um itinerário através de um universo de signos [...] por uma viagem que converte o viajante em outro, diferente daquele que havia partido”*.

Por fim, Soares (1998) argumenta que ao menos o país já tomou conta que não é necessário apenas alfabetizar e que existe uma necessidade de ir além de ensinar as pessoas a ler e

escrever. É necessário que façam o uso desta leitura e escrita de forma crítica. Para tanto, a população deve ter uma real e efetiva escolarização.

Considerações finais

Após a elaboração deste artigo, podemos afirmar que o nosso objetivo inicial - investigar as contribuições da literatura infantil no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança em processo de alfabetização e letramento - foi atingido, visto que por meio da revisão de literatura, foi possível compreender as funções da literatura infantil no contexto escolar.

Assim, fica evidente que a literatura infantil proporciona à criança um aprendizado que se reflete em seu cotidiano e nas matérias que se referem ao letramento, de forma que ao tomar gosto pela literatura a criança também se aproximará da leitura e da escrita.

A esse respeito Yunes (2006, *apud* CHAVES; CUZZI, 2007) enfatiza que na escola, a leitura tem que ser um objeto de provocação do desejo, provocação do imaginário, provocação da expressão simbólica. Ou seja, as crianças têm que encontrar uma imagem simbólica para dar conta do que elas sentem, do que elas percebem, do que elas sofrem diante de um texto, ou mesmo diante de um teatro, diante de uma música, diante de um palhaço, diante enfim, de um contexto. Assim, a autora considera que a interação entre leitor e texto é a mesma que se dá entre literatura e vida. Portanto, a literatura traz para a vida perguntas que devemos responder com a nossa experiência e com as outras múltiplas leituras que temos.

É neste sentido que tomamos então a literatura infantil, como fator de grande significado e valia no desenvolvimento cognitivo e psicológico infantil, de forma que esta colabora para o avanço integral do aluno, na medida em que auxilia em seu letramento, proporcionando uma interpretação e inserção no mundo das letras.

Para finalizar, emprestamos as palavras de Freire (1994), o qual argumenta que toda prática de alfabetização é uma prática conscientizadora que permite ao sujeito, por meio da leitura do mundo e da palavra, ir paulatinamente transformando sua consciência ingênua em consciência crítica. Embora não tenha utilizado a palavra letramento na obra “A importância do ato de

ler”, Freire (1994) deixa claro que não basta ler e escrever, mas é necessário ter uma concepção crítica sobre o mundo em que vivemos.

Referências

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CHAVES, I. M. A. B.; COZZI, T. R. Acolhendo o diálogo entre Letramento e Literatura Infantil. **Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**, São Paulo, ano 2, n. 3, p.63-75, 2007. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/reaa/v2n3/v2n3a05.pdf>. Acesso em 10/07/2011.

COELHO, L.M.S. . **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

LARROSA, J. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Trad: Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

PIAGET, J. A relação entre a afetividade e inteligência do desenvolvimento Mental em crianças. **Boletim de Psicologia**, nº 12, p.01, 1953.

SIMÕES, V. L. B. Histórias infantis e aquisição de escrita. **Perspectiva**, vol.14, n.1, p.22-28, 2000.

SOARES, M. B. **Letramento, um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1998

SOUZA, M. T. C. C. Valorizações afetivas nas representações de contos de fadas: um olhar piagetiano. SP: **Boletim de Psicologia**, v.55, n.123, p.227-242, 2005.

ZAMBONI, E.; FONSECA, S. G. Contribuições da literatura infantil para a aprendizagem de noções do tempo histórico: leituras e indagações. **Cadernos Cedes**, v. 30, n. 82, p. 339-353, 2010.

MUNDO DA LUH, CONTOS DE PERRAULT. Disponível em: <http://mundodaluha.blogspot.com/2010/03/chapeuzinho-vermelho-original-de.html>. Acesso em 23/08/2011.
